

FÉ NA “DIVER-CIDADE” SERTANEJA: Experiências de pessoas LGBTs cristãs no Sertão de Pernambuco.

Bruno Robson de Barros Carvalho

Graduado em Psicologia pela Faculdade do Vale do Ipojuca (2011); Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2014); e Doutor em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Docente no curso de Psicologia e Grupo de pesquisa em Psicologia, gênero e meio ambiente do Centro Universitário do Rio São Francisco - UniRios. Email: bruno.carvalho@unirios.edu.br;. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0432-1808>

Sanches Max Jesus Viana

Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário do Rio São Francisco (UNIRIOS) em Paulo Afonso-BA e Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: sanchesmax.sm@gmail.com. ORCID:<http://orcid.org/0000-0001-9805-838X>

RESUMO

Esta pesquisa objetivou investigar as experiências de pessoas LGBTs participantes de igrejas cristãs no município de Petrolândia-PE. Procuramos pesquisar tais experiências diante dos atravessamentos entre diversidade sexual e de gênero e religiosidade. Metodologicamente, caracteriza-se por uma perspectiva qualitativa, em que o instrumento para coleta dos dados foi uma entrevista narrativa, utilizada com onze pessoas. Os dados foram submetidos à Análise Hermenêutica Dialética onde analisou-se como os/as participantes trouxeram suas experiências, tanto convergindo e confirmando os tensionamentos entre diversidade e Cristianismo, como também expondo nuances de inclusão/exclusão, além de desvelar diferentes modos de subjetivação nesses espaços religiosos. Deste modo, este estudo se coloca como relevante por provocar uma reflexão sobre uma temática que conversa com vários saberes, mas que ainda é pouco estudada tanto nacionalmente, quanto em um recorte sertanejo e interiorano do Nordeste brasileiro.

Palavras-chave: Cidades pequenas. Cristianismo. Experiência. Pessoas LGBT. Sertão.

FAITH IN THE “DIVER-CITY” OF INTERIOR: Experiences of christian LGBT people in the hinterland of Pernambuco.

ABSTRACT

This research aimed to investigate the experiences of LGBT people participating in Christian churches in the city of Petrolândia-PE. We seek to research such experiences in the face of crossings between sexual and gender diversity and religiosity. Methodologically, it is characterized by a qualitative perspective, in which the instrument for data collection was a narrative interview, used with eleven people. The data were submitted to Dialectical Hermeneutic Analysis, where it was analyzed how the participants brought their experiences, both converging and confirming the tensions between diversity and Christianity, as well as exposing nuances of inclusion/exclusion, in addition to revealing different modes of subjectivation in these spaces religious. In this way, this study is relevant because it provokes a reflection on a theme that speaks to various types of knowledge, but

which is still little studied both nationally, and in a sertanejo and countryside section of the Brazilian Northeast.

Keywords: Christianity. Experience. Hinterland. LGBT People. Small towns.

FE EN LA “DIVER-CIUDAD” SERTANEJA: Experiencias de personas cristianas LGBT en el sertón de Pernambuco.

RESUMEN

Esta investigación tuvo como objetivo investigar las experiencias de personas LGBT que participan en iglesias cristianas en la ciudad de Petrolândia-PE. Como objetivo, buscamos indagar tales experiencias frente a los cruces entre la diversidad sexual y de género y la religiosidad. Metodológicamente, se caracteriza por una perspectiva cualitativa, en la que el instrumento para la recolección de datos fue una entrevista narrativa, utilizada con once personas. Los datos fueron sometidos al Análisis Hermenéutico Dialéctico y articulados con conceptos teóricos relevantes. De esta forma, se analizó cómo los participantes aportaron sus experiencias, tanto convergiendo y confirmando las tensiones entre la diversidad y el cristianismo, como exponer los matices de inclusión/exclusión, además de revelar diferentes modos de subjetivación en estos espacios religiosos. De esta manera, este estudio es relevante por suscitar una reflexión sobre un tema que habla de varios tipos de saberes, pero que aún es poco estudiado tanto a nivel nacional como en una sección del sertanejo y del interior del Nordeste brasileño.

Palabras-clave: Ciudades pequeñas. Cristianismo. Experiencia. Personas LGBT. Sertón.

INTRODUÇÃO: “Heresias”

A partir dos dados do censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010), apontando que mais de 90% dos brasileiros/as dizem ter vinculação a algum credo religioso, sendo que, 64,6% se declaram católicos/as e 22,2% protestantes, pode-se compreender que no Brasil a religiosidade é um aspecto importante da vida das pessoas. Para Amatuzzi (1998), a vivência religiosa afeta, de forma individual e na coletividade, a maneira como as pessoas lidam com as significações, subjetivações e até incoerências.

As discussões e reflexões a respeito de diversidade sexual e de gênero vêm se tornando evidentes e recorrentes no mundo, no Brasil ocorrem especificidades, tomando proporções significativas nas últimas décadas, a partir de estudos, como os de Butler (2003). A partir dos estudos de Louro (2000), é possível compreender a diversidade sexual e de gênero como inscrições a partir das relações sociais e de poder. Para a autora a linguagem produz as marcas das identidades, e tal produção é feita através de diferentes instituições, como família,

legislações, instituições de ensino e até religiosas.

A pesquisa nacional do perfil LGBTI+ 2018, feita pelo Instituto brasileiro de diversidade sexual, aponta que 52,5% da população LGBTI+ pesquisada identificou-se como pertencente a alguma instituição religiosa. Destaca-se também que parte dessa comunidade se encontra em igrejas cristãs, sendo 21,1% se reconhecendo como católica (BROSTULIM; CORDEIRO, 2020).

Sabe-se também que a LGBTfobia é uma realidade que se apresenta de diversas formas no cotidiano de pessoas LGBTs¹ no Brasil (ANDRADE, 2019). A cada 26 horas uma pessoa LGBT é assassinada ou se suicida por causa da LGBTfobia, de acordo com Oliveira e Mott (2020), organizadores do Relatório do Grupo *Gay* da Bahia, que anualmente apresentam um relatório baseado nas mortes noticiadas pela imprensa, enquanto não temos dispositivos eficazes de notificação como uma política pública que proporcione a devida visibilidade a essa questão.

Estudos sobre homofobia, como o de Natividade e Oliveira (2009) e Borrillo (2010), descrevem homofobia como um fenômeno plural, que também se expressa nas posturas e discursos de religiosos/as. A homofobia religiosa se configura como um tipo de agrupamento de ações e narrativas fundamentadas na religião que tentam controlar a diversidade sexual e inferiorizá-la. É visível que alguns políticos/religiosos do cristianismo brasileiro, representantes de igrejas tradicionais, pentecostais e neopentecostais vêm protagonizando um embate político constante a respeito de identidades de gênero e orientação sexual. É o que Estrázulas e Morais (2019) enfatizam: valores religiosos sendo introduzidos no congresso nacional, por frentes parlamentares que lutam em oposição à garantia aos direitos da população LGBT.

Nota-se que existem pessoas LGBTs que são cristãs, e que especificamente participam de igrejas cristãs convencionais, que são denominações que adotam discursos conservadores que confrontam a diversidade sexual e de gênero (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009). “A participação em comunidades religiosas pode representar um fator de risco e/ou de proteção,

¹ De acordo com Natividade e Oliveira (2009) a sigla LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) passou a ser usada a partir de 2008 pelos movimentos sociais de lutas pelos direitos das minorias sexuais. Atualmente existem algumas outras ramificações dessa sigla, variando entre instituições, movimentos políticos e entidades, como: LGBT+, LGBTI, LGBTQIA+, entre outras, onde cada sigla e suas variações representam lutas políticas dignas de visibilidade. Portanto, é importante esclarecer que a sigla escolhida para ser usada neste estudo não exclui a importância das outras ramificações, mas entende-se LGBT como uma espécie de raiz mais consolidada no meio científico e na sociedade.

dependendo [...] também de como os indivíduos LGBs percebem sua participação nela”. (ESTRÁZULAS; MORAIS, 2019, p. 06).

De acordo com Ussel (1980), o Cristianismo adotou uma determinada postura para abordar a sexualidade, que o autor vai denominar como atitude antisssexual. Nessa direção, Rodrigues (2018) compreende que a Igreja Católica vem considerando ao longo dos anos a homossexualidade como perversão, patologia, passível de cura e o ato homossexual um grave crime contra a castidade. Algumas afirmações sobre a homossexualidade são recorrentes, desde que se trata de um comportamento aprendido, a um problema espiritual, e até que é uma antinatureza. Tendo assim “a concepção de que estas práticas podem ser abandonadas pela restauração e cura, há a ideia de uma natureza heterossexual” (NATIVIDADE, 2006, p. 118).

No contexto evangélico, conforme Natividade (2006) existe uma sutileza em posturas pastorais de acolhida para LGBTs, como uma estratégia política higienista, sem ameaçar de morte, mas antagonizando formas de exercício da vida consideradas indesejáveis, reforçando e exagerando a norma heterossexual, e intensificando discursos regulatórios sobre as diversidades. Diante disso, Sáez (2017) pontua que as Igrejas evangélicas agem de tal forma, baseadas em um modelo de família que já consagraram desde o seu início.

Não se tem hoje ainda estudos amplos e que exponham um retrato mais consolidado sobre LGBTs e cristianismo. Contudo, existem pesquisas que apresentam tensionamentos e preconceitos por parte de denominações religiosas e cristãs para com pessoas LGBTs. Como também estudos que apontam alternativas de filiação religiosa de LGBTs. Porém a maioria não priorizou realmente às experiências dessas pessoas. Além das bases de referências para tais pesquisas serem de outros países (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009; ESTRÁZULAS; MORAIS, 2019). Assim, compreende-se como uma lacuna importante e se pode concordar quando pontuam que “ainda é incipiente na Psicologia nacional, estudos que tenham a Religiosidade/Espiritualidade de LGBs como foco” (ESTRÁZULAS; MORAIS, 2019 p. 02).

Segundo Oliveira et al. (2020), a tentativa de articular os estudos de gênero em contextos rurais e interioranos só provoca o encontro com lacunas de discussões, e ainda quando essa articulação acontece, acaba não contemplando experiências que estão distantes e/ou problematizam a heteronormatividade, por exemplo. O contexto pernambucano acaba por reproduzir uma cultura machista e homofóbica, e num recorte sertanejo, tal problemática é potencializada. Apesar de existirem mudanças sociais e culturais importantes, ainda é vigente e intensa a ideia do homem

nordestino como “cabra macho”, naturalizando uma construção de masculinidade fundamentada na relação homem-mulher, e numa perspectiva androcêntrica (SILVA; CASTRO; SIQUEIRA, 2021).

Tendo em vista a questão da territorialidade na psicologia, Hüning e Gomes (2019) consideram que a pesquisa na perspectiva da territorialidade desafiam sentidos e certezas, pois pesquisar na cidade requer de quem pesquisa a autopermissão de se deixar conduzir pelo território. Os autores propõem, nesta ótica, a produção de conhecimento em psicologia a partir de outras imagens e práticas, ocupando-se da dimensão humana construída na relação território-subjetividade, de como pessoas se constituem e constituem tais territórios. Além de, encarar a escrita de pesquisa pelas narrativas de experiências, problematizando e tecendo deslocamentos de teorias e métodos.

Portanto, pressupõe-se que o contexto brasileiro, nordestino e sertanejo, podem desvelar diversas configurações e realidades ao interseccionar Religiosidade, Ciência, Política, Direitos humanos, Territorialidade e outros âmbitos. Tendo em vista que ser LGBT no interior nordestino ou numa pequena cidade tem suas especificidades, desde acessos, autorizações, limitações, códigos, subversões e subjetivações. Por exemplo, “ser homossexual, assumir ou não a homossexualidade na cidade do interior é bem diferente do que ocorre numa cidade grande” (FERRARI; BARBOSA, 2014, p. 217).

Levando-se em consideração que existem poucos estudos que se ocupam das experiências de pessoas LGBT's em territórios sertanejos e interioranos, e menos são ainda os que abarcam e interseccionam a questão da religiosidade. Tais estudos se debruçaram apenas a compreender como a religião cristã, num território sertanejo, atua e participa do gerenciamento dos corpos e sexualidades das pessoas. Um gerenciamento que é retratado como mais intenso por alguns autores (FERRARI; BARBOSA, 2014; GONTIJO; ERICK, 2015; LIRA, 2018; TOTA, 2021).

O estudo de Estrázulas e Moraes (2019) realiza uma importante revisão, apresentando e descrevendo classificações relevantes sobre os sentidos acerca da religiosidade e espiritualidade de lésbicas, gays e bissexuais. Porém seu estudo não abarca a vivência de pessoas trans e travestis, o que se configura também como uma ausência importante das pesquisas se ocuparem.

Diante disso, este estudo é norteado pela seguinte questão de pesquisa: “Quais as experiências de pessoas LGBTs que participam de igrejas cristãs?”. Como objetivo, procuramos investigar tais experiências, levando-se em conta os atravessamentos e tensionamentos entre diversidade

sexual e de gênero e religiosidade, no contexto sertanejo da cidade de Petrolândia (Terra de Pedro), município do Sertão Pernambucano e do semiárido nordestino (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2021). Assim, esta pesquisa visa contribuir ao passo que se apresentam novas nuances sobre que experiências são essas e como elas são construídas: dialogando, confirmando, tensionando e ampliando os estudos já realizados.

2 DIVERSIDADES, CRISTIANISMO E ‘CONTRA’DIÇÕES

Nesta seção, pretende-se apresentar um panorama teórico sucinto, porém bem demarcado, sobre como as duas principais vertentes cristãs: Católica e Protestante (considerando a amplitude das denominações evangélicas no Brasil) pensam a respeito de diversidade sexual e de gênero, como também abordar sobre a ideologia de gênero, como um discurso político-religioso que emerge de dentro do Catolicismo e permeia outras esferas. Além disso, visualizar o dissenso de igrejas cristãs que se caracterizam como inclusivas² e que leem a questão da diversidade de maneira diferente das igrejas convencionais.

Conforme Ussel (1980), após o pecado de Eva, as relações sexuais estariam para sempre associadas a um sentimento de vergonha. Por isso os teólogos da moral construíram na idade média uma espécie de sistema que reuniria os principais pontos a serem conservados no que tange a sexualidade, como por exemplo: a supervalorização da virgindade em relação ao casamento, a recusa das relações sexuais que não sirvam para a procriação, a renúncia à sensualidade e ao prazer, a desvalorização da mulher em relação ao homem e uma atitude essencialmente androcêntrica, ou seja, que eleja o homem e o sexo masculino como central.

Comparando o Cristianismo com outras religiões, pode-se notar a ausência de seres femininos. A mulher foi excluída da Santíssima Trindade; apesar da veneração da Virgem Maria, na perspectiva Católica. Ussel (1980) denomina como atitude antisssexual a forma que o Catolicismo encara as questões ligadas à sexualidade, pois “os anjos não têm sexo, só o Diabo é que tem relações sexuais. Nenhuma divindade protege a sexualidade, a virilidade, as relações sexuais, a homossexualidade, o amor, a atração, [...] nem as obras de arte religiosa aceitam a

² Natividade e Oliveira (2009) consideram igrejas inclusivas como movimentos cristãos que surgem a partir de 1990 no Brasil. Essas igrejas lidam com a diversidade sexual e de gênero, reinterpretem as escrituras, e criam estratégias políticas em luta dos direitos humanos da população LGBT. Diferentemente das igrejas convencionais, denominações cristãs que adotam discursos conservadores que confrontam a diversidade sexual e de gênero.

sexualidade” (USSEL, 1980, p. 44).

Com a distinção dos modos de comportamento homossexual e heterossexual, a homossexualidade passou a ser um problema mais grave, intolerável e submetido a mecanismos como moralização, sexualização, recalcamento e repressão; “a homossexualidade é um sinal de corrupção moral, [...] desencadearam uma campanha contra as relações sexuais extras ou pré-conjugais, a prostituição, a masturbação, a homossexualidade [...]” (USSEL, 1980, p.171-172).

Segundo Ussel (1980), na época que escrevia sua obra, já não se ousava manifestar sobre a homossexualidade com igual severidade de antes. Palavras como: pecado, perversão, doença, comportamento contra a natureza deram lugar a termos mais "neutros", como desvio. Para o autor, a maior parte das pessoas é incomodada pela existência da homossexualidade; tolera-se o homossexual, mas não a homossexualidade, continuando ainda uma postura de reprovação a respeito da mesma.

A partir dos acontecimentos na sociedade e seu dinamismo, para Rodrigues (2018), ao surgirem movimentos feministas e LGBTs, fica evidente que a Igreja Católica não permaneceria na postura de não discutir melhor tais assuntos. Assim a Igreja Católica sentiu a necessidade de debater a homossexualidade. Rodrigues (2018) estudou e nos apresenta os principais documentos oficiais da Igreja Católica que começam a se ocupar da temática da sexualidade.

A *Declaração Persona Humana* da Congregação para Doutrina da Fé de 1975, considera a sexualidade um fator relevante e é a primeira carta onde se aborda a questão da homossexualidade de forma explícita. Entretanto, a Carta trata a homossexualidade como um perigo da “corrupção dos costumes”. Além disso, a declaração reafirma a homossexualidade como “um ato desordenado”, condena relações sexuais de homossexuais por não conduzirem à procriação e se constituírem “graves depravações” pela Bíblia, que segundo Rodrigues (2018), produz o entendimento que conseqüentemente o homossexual é rejeitado por Deus.

De acordo com Rodrigues (2018), a Sociedade Americana Teológica Católica em 1977, publicou um documento crítico ao *Persona Humana*, um estudo chamado: *A sexualidade humana*, dirigido por Kosnik. Tal iniciativa acabou rompendo com a moral católica ao flexibilizar mais o entendimento sobre homossexualidade. Segundo os autores, os homossexuais que tenha relações sexuais com boa consciência deveriam ter os mesmos direitos de consciência e aos sacramentos que um matrimônio.

Após alguns anos, Ratzinger (1986 apud RODRIGUES 2018), tem declarações documentadas

reiterando que aceitar a atividade homossexual coloca em perigo a concepção que a sociedade tem da natureza e dos direitos da família, recomendando aos homossexuais viver em castidade, ou se converter do “mal”. Assim, A homossexualidade continua considerada perversão, porém se encorajavam os bispos a promoverem uma pastoral para as pessoas homossexuais que aceitassem a doutrina da Igreja.

Após a virada de século, em 2003, Rodrigues (2018) visualiza, a partir de documentos e declarações oficiais, que Ratzinger entende que as práticas homossexuais constam dentre um dos pecados graves contra a castidade, chegando a apelar para que os políticos católicos e a comunidade se opusessem à aprovação do casamento legal entre homossexuais para a proteção do matrimônio e da sociedade. Rodrigues (2018)

apresenta alguns estudiosos que criticam as posições oficiais da Igreja Católica sobre homossexualidade ao longo dos anos, que questiona as ambiguidades encontradas nos documentos oficiais da Igreja Católica por carecerem de nova hermenêutica bíblica nos versículos que fundamentam a ética cristã sobre a homossexualidade, e que convergem com tal crítica, recomendando um estudo dos Escritos sagrados através de um processo interpretativo histórico, para entender tanto a tradição moral católica sobre sexualidade, como a maneira e o motivo pelo qual essa tradição surgiu.

Os documentos oficiais estudados por Rodrigues (2018) demonstram uma lenta mudança na visão de mundo da Igreja Católica sobre a homossexualidade. Nesse sentido, atualmente, as posturas e discursos do Papa Francisco, de acolhimento e adesão a causas e movimentos sociais, parece haver novos ares a respeito dessas discussões no âmbito católico. Um exemplo é uma publicação da Revista Vida Pastoral publicada em 2014, pela editora católica Paulus, que aborda exclusivamente sobre a questão da homoafetividade e fé cristã, numa perspectiva de acolhimento. Luís Corrêa Lima, autor de uns dos artigos da Revista Vida Pastoral, a respeito do acolhimento de homossexuais, destaca:

Os gays jamais devem ser tratados como endemoninhados a serem exorcizados ou submetidos a orações de “cura e libertação” para mudar a sua condição. [...] Em vez de julgá-las ou marginalizá-las, deve-se fomentar na Igreja um ambiente acolhedor, no qual pessoas gays possam buscar a Deus. (LIMA, 2014, p. 35-36).

Natividade e Oliveira (2009) apontam que a reiteração presente em discursos religiosos sobre uma heterossexualidade compulsória, pode se manifestar de maneiras e graus distintos, variando desde um silêncio total sobre diversidade sexual e de gênero até a produção de estereótipos que operam pelo estigma de pessoas LGBTs.

Ainda sobre esse estigma os autores destacam que: Esta construção de uma conexão naturalizada entre “sexo”, “gênero”, “desejo” e “práticas” heterossexuais requer uma desqualificação de modos de vivência da sexualidade e do gênero que sejam dissidentes em relação a esta norma. (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009, p. 125).

Ainda para Natividade (2006), é possível distinguir três categorias no discurso evangélico a respeito da diversidade sexual e de gênero: *cura*, indicando a influência de uma narrativa psicologizante na esfera religiosa; *libertação*, que toma a noção de *possessão* e rituais com *performances* de expulsão do mal; e *restauração sexual*, que desenha um tipo de ideal a ser alcançado: uma espécie de adequação a um modelo de gênero e sexualidade que condiz ao ideal de homem e mulher de Deus.

Natividade e Oliveira (2009) nos chamam a atenção para a sutileza de posturas pastorais de acolhida para LGBTs, posturas que podem ser uma estratégia política higienista, sem ameaçar de morte os sujeitos, mas antagonizando formas de exercício da vida consideradas indesejáveis, trabalhando esta estratégia através de reforço e exagero da norma heterossexual, intensificando discursos regulatórios sobre as diversidades.

Caracterizando melhor tais estratégias, os autores as nomeiam e as detalham da seguinte maneira:

homofobia religiosa mais circunscrita no nível da interação entre lideranças e fiéis, que eventualmente transparecem em discursos que servem como “guias” ou exemplos normativos para a conduta do fiel e as atividades de cuidado pastoral. [...] a homofobia cordial aproxima-os daqueles que exercem posição de superioridade moral, em uma relação de assujeitamento. Esta relação assimétrica pode implicar engajamento emocional dos sujeitos envolvidos, favorecendo a perpetração de formas muito sutis de sujeição e violência. [...] homofobia pastoral poderia ser identificada na perspectiva evangélica de “acolhimento” aos homossexuais, sustentada por certas iniciativas religiosas, que incorpora pessoas LGBT aos cultos, visando ao seu engajamento em um projeto de regeneração moral, pela libertação [...] por meio de “exorcismos”, cura ou terapias. (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009, p. 133).

Juntamente com, e, a partir de Natividade e Oliveira (2009), é possível ponderar que, historicamente, existem tensionamentos nas relações entre diversidade sexual e cristianismo, e tais tensões acompanham um processo de pluralização das normas que regulam a sexualidade. Além disso, “a perspectiva de atuação de determinados grupos religiosos, principalmente daqueles ligados a trabalhos pastorais que buscam o gerenciamento da sexualidade” (NATIVIDADE, 2006, p.128).

Sáez (2017), destaca que as Igrejas evangélicas agem de tal forma, baseadas em um modelo de

família que já consagraram desde o seu início. A Igreja Católica apesar de fazer o mesmo, apesar de aderir plenamente a tais modelos mais recentemente. Já Natividade e Oliveira (2009) entendem que a propagação de discursos sobre a diversidade sexual entre evangélicos é maior e mais explorado nesse segmento, enquanto parece haver uma problematização da diversidade sexual menos intensa em discursos católicos.

Para Miskolci e Campana (2017), esse conceito ‘ideologia de gênero’ surge primeiramente nas discussões da Igreja Católica latino-americana e na V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (Celam) em 2007, ficando conhecido como *Documento de Aparecida*. O documento evidencia uma preocupação em relação aos direitos de pessoas homossexuais quando afirma:

Entre os pressupostos que enfraquecem e menosprezam a vida familiar, encontramos a ideologia de gênero, segundo a qual cada um pode escolher sua orientação sexual, sem levar em consideração as diferenças dadas pela natureza humana. Isso tem provocado modificações legais que ferem gravemente a dignidade do matrimônio, o respeito ao direito à vida e a identidade da família (CELAM, 2007 apud MISKOLCI; CAMPANA, 2017, p.727).

Para esses autores, nesse documento, a Igreja Católica latino-americana propõe a defesa do conceito tradicional de família como um eixo prioritário de luta, e com esse mesmo *Documento de Aparecida*, “a batalha contra a ‘ideologia de gênero’ era declarada em toda a América Latina” (MISKOLCI; CAMPANA, 2017, p.728). Para os autores, não é apenas a Igreja Católica e as organizações pró-vida que são as únicas instituições que lideram essa batalha, organizações evangélicas se somaram a tal proposta e em vários países da América do Sul tiveram causado impacto para impedir avanços nos direitos sexuais e reprodutivos.

Os atores religiosos, tanto de dentro da Igreja Católica, de vertentes religiosas neopentecostais, como seguidores laicos dessas religiões, são identificados pelos autores como empreendedores morais. Seriam pessoas engajadas na ‘luta’ por motivos éticos, morais e/ou políticos dos mais diversos, podendo atuar dentro de instituições e até mesmo de governos, conforme Miskolci e Campana (2017).

Em paralelo a estratégia da ‘ideologia de gênero’, existe a chamada: “Cura gay”, que seriam terapias de reversão sexual e de gênero para reverter, reparar a orientação sexual e a identidade de gênero de pessoas LGBTs. É interessante que o pano de fundo para justificar tais terapias é quase sempre cristão e/ou religioso.

A partir das compreensões de Miskolci e Campana (2017), visualiza-se que nos países latino-

americanos com maior presença dessa vertente protestante, as questões de diversidade sexual e de gênero, “tende a aproximar católicos e neopentecostais em uma espécie de aliança circunstancial pela moral e os bons costumes” (MISKOLCI; CAMPANA, 2017, p.734). Em suma, os autores indicam que os empreendedores morais contra a ‘ideologia de gênero’ são grupos conservadores que buscam distanciar os movimentos LGBTs das construções de políticas públicas e ter o controle sobre elas.

Diante de tudo que compreendemos até então, considera-se importante trazer um contraponto, contraponto esse que é religioso, que lida com a fé e com as questões de diversidade de outra maneira, as chamadas ‘igrejas gays’, ou melhor, como se autodefinem: ‘igrejas inclusivas’. Tais movimentos são mais presentes emergindo da vertente protestante e conseqüentemente se distanciando ou sendo distanciados por esse mesmo segmento. Enquanto dentro da vertente católica, também existem movimentos de dissidência e de inclusão das diversidades, mas que parecem ser menos expressivos.

De acordo com Natividade e Oliveira (2009), as tendências hegemônicas não extinguem vozes e iniciativas dissidentes dentro das igrejas cristãs, vozes conduzidas por lideranças que flexibilizam as normativas da igreja sobre diversidade sexual e de gênero. Os autores consideram o campo religioso evangélico como plural, possuindo visões de mundo diferentes e diversas doutrinas. Um caso dessas vertentes minoritárias pode ser identificado na recente emergência de ‘igrejas inclusivas’, lideradas por pastores que se identificam como LGBTs.

Como exemplos, de tais igrejas inclusivas, os autores listam alguns destaques:

[...] poderíamos citar a Igreja da Comunidade Metropolitana do Brasil, a Comunidade Cristã Nova Esperança, a Igreja Cristã Evangelho para Todos, a Comunidade Betel do Rio de Janeiro e a Igreja Cristã Contemporânea, sediadas nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Há registros de igrejas, missões, grupos e células localizados em diversas outras unidades da federação, como Belo Horizonte, Rio Grande do Sul, Salvador, Vitória, Brasília, Fortaleza e Paraná. (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009, p. 131).

Dentro do Catolicismo, vem surgindo movimentos inclusivos, como por exemplo: *Católicas pelo direito de decidir*; *Rede Nacional de grupos católicos LGBT*; *Movimento Diversidade Católica*; Além de Padres em ações de defesa da população LGBT que tem reverberado nacionalmente, como é o caso do Padre Júlio Lancelotti; Como também do Padre Roberto Francisco Daniel, mais conhecido como Padre Beto, segundo Trevisan (2018) ele foi excomungado por Roma em 2013 por discordar abertamente do que a Igreja católica pensava sobre homossexualidade, e acabou criando chamada: *Humanidade Livre*, se colocando contra

o dogmatismo católico. Essas são iniciativas dissidentes que vem cada vez mais se consolidando dentro da Igreja católica.

Abrimos um breve parêntese aqui também, para pontuar que dentro das igrejas Evangélicas convencionais, existem lideranças ecoando um discurso mais crítico e reflexivo sobre a postura excludente das igrejas cristãs para com as pessoas LGBTs, podemos destacar: Pastor Henrique Vieira; Pastor Ed. René Kivitz; Pastor Hermes Carvalho Fernandes; Pastor Caio Fábio; Pastor Ricardo Gondim, Pastor Ariovaldo Ramos e Pastor Berlofa, articulador do: *Inadequados*. São vozes que tencionam o discurso dentro das igrejas convencionais brasileiras, ao terem uma perspectiva mais de acolhida à comunidade LGBT.

As igrejas inclusivas reconstroem uma teologia a partir de uma reinterpretação sobre a proibição da homossexualidade, considerando esta orientação sexual uma criação de Deus, uma bênção divina, “enquanto posicionamentos católicos e evangélicos expressariam a persistência de uma rejeição às práticas homossexuais, qualificadas como *pecado* a partir de diferentes estratégias discursivas’ (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2007, apud NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009, p. 130).

Basicamente, Natividade e Oliveira (2009) explicitam que, para cada trecho bíblico aplicado nos discursos conservadores para condenar a homossexualidade, são apresentadas, pelos evangélicos inclusivos, interpretações históricas e hermenêuticas alternativas, que questionam os juízos morais conservadores sobre relações homossexuais. Os pesquisadores supracitados entendem que esses movimentos dissidentes propõem novas formas de classificar santidade, adotando uma postura de não recomendar mudanças na orientação sexual ou qualquer outra forma de regulação diferente entre homossexuais e heterossexuais.

A respeito dos discursos das igrejas que se denominam inclusivas, é importante pontuar que:

[...] reivindicam representar a voz de Deus e entendem que não há pecado e/ou ato pecaminoso as sexualidades e identidades de gêneros dissidentes de sujeitos que professam a fé. O discurso das igrejas inclusivas agregam as pessoas da população LGBT que vêm buscando, cada vez mais, igrejas que atendam os seus interesses espirituais, que no seu discurso promovam o acolhimento e o cuidado sem preconceitos. (TRINDADE, 2019, p.550).

Por fim, Natividade e Oliveira (2009) indicam que tais iniciativas, de um ponto de vista mais sociológico, podem representar um direcionar à tomada do poder religioso por pessoas LGBTs, na medida em que ficam possibilitadas de exercerem cargos eclesiais nas igrejas inclusivas, o

que em igrejas convencionais é algo que lhes é negado. Além do mais, as igrejas inclusivas destacam-se no cenário religioso por serem iniciativas autônomas, lideradas por *gays* e lésbicas, geralmente egressos de denominações conservadoras.

3 METODOLOGIA: “LGBTurgia”

O estudo caracteriza-se como pesquisa de campo, de natureza qualitativa e descritiva, com o intuito de conhecer a realidade pesquisada, suas características e suas problemáticas, além de priorizar a interpretação a partir do olhar de quem participa; enfatizando a subjetividade; e se utilizando de flexibilidade ao conduzir a pesquisa, com um interesse mais no processo do que no resultado (GIL, 2007; OLIVEIRA, 2008).

3.1 Participantes

A população do estudo foram pessoas LGBTs, sendo 11 (onze) participantes, com idade a partir de 18 (dezoito) anos; que se afirmavam ou se reconheciam como LGBT; participantes da religião Cristã (catolicismo ou protestantismo, em suas variadas vertentes); e naturais e/ou residentes em Petrolândia-PE.

3.2 Coleta e análise dos dados

Foi lançado mão do método *Snowball* (Bola de neve) conforme Vinuto (2014). Basicamente foram iniciadas as duas primeiras entrevistas, com uma pessoa LGBT católica e outra evangélica. A partir dessas pessoas sementes e suas respectivas indicações de outros/as potenciais participantes, foi sendo dado prosseguimento à coleta dos dados. O motivo de partir desse método, como aponta Vinuto (2014), é que ele pode ser bastante útil para se pesquisar populações e grupos de mais difícil acesso e que não se tem dimensão da quantidade de tal grupo. Além disso, considera-se o método relevante para pesquisar grupos de pessoas que são atribuídas de certos estigmas pela sociedade.

Como instrumento de coleta de dados, optou-se pela Entrevista Narrativa em profundidade, com questões bússolas, que orientam o percurso da pesquisa, mas não necessariamente o seu conteúdo (MINAYO, 2006; GOMES, 2014). As entrevistas ocorreram presencialmente e remotamente (através de plataforma de videoconferência), no período de março a maio de 2021.

Em ambas as modalidades as entrevistas foram audiogravadas mediante a autorização dos/as participantes através da assinatura do Termo de Consentimento de Livre e Esclarecido/a (TCLE).

A análise dos dados se deu através da Análise hermenêutica dialética, proposta por Minayo (2002, 2006) e adaptada junto com Gomes (2007). A fim de dar prioridade aos aspectos extra discursivos que compõem o ambiente social, político, econômico e relacional onde o discurso circunda, ao compreender que os significados se situam nos sentidos não explícitos no texto, conforme Minayo (2006) e Gomes (2014). Tendo feito as transcrições de todas as onze entrevistas, e num movimento de leitura e releitura, com os recortes das narrativas agrupados, pensou-se nas categorias analíticas a partir das análises dos relatos, agrupando os que convergiam, divergiam, se complementavam e/ou contendiam.

3.3 Cuidados Éticos

O projeto de pesquisa, a partir do qual o texto foi produzido, foi submetido e aprovado por um comitê de ética em pesquisa (CEP) de uma Instituição de Ensino Superior-CAAE nº XXXXXXXXX.X. XXXX.XXXX, com parecer consubstanciado nº X.XXX.XXX.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO: “Sacrilégios” e “Confissões”

A amostra contemplou onze pessoas petrolandenses, que se reconheciam como LGBTs e cristãs. A saber: Ana, 27 anos, Mulher bissexual, Católica; Daphine, 37 anos, Mulher trans, Ex-Católica e atualmente atea; Gabriele, 49 anos, Mulher lésbica, Católica; Henry, 23 anos, Homem trans, Católico; Jackson, 21 anos, Homem gay, Evangélico; João, 23 anos, Homem gay, Católico; Josivan, 35 anos, Homem Gay, Católico; Juliana, 20 anos, Mulher bissexual, Evangélica; Nicki, 22 anos, Homem Bissexual, Católico; Raíssa, 29 anos, Mulher lésbica, Evangélica; e Sandro, 40 anos, Homem gay, Católico.

Para resguardar o sigilo e nomear os/as participantes da pesquisa, optou-se por substituir os nomes por pseudônimos escolhidos pelos/as mesmos/as ou por nomes de pessoas LGBTs que foram assassinadas por LGBTfobia em Pernambuco e que constam publicamente no Relatório do Grupo Gay da Bahia (GGB) publicado em 2020 (OLIVEIRA; MOTT, 2020). Assim, nos posicionamos também de modo a honrar, simbolicamente, e a fazer lembrar essas pessoas.

Outra sinalização importante é que optamos por considerar as categorias construídas como *Epístolas*, que são cartas ou lições dos/as apóstolos/as dirigidas às primeiras comunidades cristãs e que constam no Novo Testamento (MICHAELIS, 2021). A intenção é provocar uma reflexão de que, como os textos da Bíblia são considerados sagrados, as narrativas dessas pessoas LGBTs também são atravessadas pela fé e pelo Sagrado. As entrevistas foram orientadas pela seguinte pergunta: “*Qual a sua experiência de ser LGBT, e de ser cristão/ã em Petrolândia?*”. A partir dos relatos dos/as participantes, elegemos para este estudo e apresentaremos a seguir quatro categorias de análise construídas no processo de análise da pesquisa.

4.1 Epístola I – Diferentes modos de subjetivação da fé.

Aqui podemos encontrar relatos que expressam uma discussão sobre fé, numa perspectiva que encara essa fé no dia a dia, na prática cotidiana, independente da instituição Igreja. Como também, relatos que parecem atribuir a essa fé e a essa experiência, a partir até do contato com as próprias igrejas, um caráter de fortalecimento e realização. Além disso, são apresentados relatos que diferenciam o que é a experiência de fé e a experiência de transitar no espaço de uma igreja.

[...] me reconheço uma pessoa de fé, só não sou praticante, reconheço isso, mas eu tenho Deus assim no qual eu creio e tento da minha forma, no meu jeito, vivenciar essa fé através de caridade, através de atos na minha comunidade, isso eu reconheço, assim mais que tá dentro da igreja sabe, que minha fé ela é viva, no momento que eu faço, que eu tenho essas atitudes, para mim é o reconhecimento disso mesmo de fé, é o meu ato (Gabriele).

[...] passei por algumas experiências boas, ruins, hoje essa questão da fé e do acreditar em Deus tá mais presente, porque eu percebo em atitudes, em provas, em coisas que eu faço que há uma presença surreal né?, [...] então assim, a minha fé hoje tá forte, e o sentido de fé pra mim é acreditar que eu existo, é acreditar que eu tenho proteção, é acreditar que eu vou errar, que eu posso consertar, entende? Então hoje é mais fácil, se tornou mais fácil pra mim, mais visível acreditar que existe um Deus, que existe alguém que anda comigo, que não me faz ter medo, ou que me acalma quando eu tô no desespero, isso pra mim é a fé, [...] e ela vem de diversas formas, através de pessoas, principalmente de falas, de ações, e coisas que acontecem do nada assim, no teu dia a dia (Ana).

A fé como uma experiência do cotidiano é expressa quando Gabriele relata “tento da minha forma, no meu jeito, vivenciar essa fé através de caridade, através de atos na minha comunidade”; e quando Ana nos diz “isso pra mim é a fé, [...] e ela vem de diversas formas, através de pessoas, principalmente de falas, de ações, e coisas que acontecem do nada assim, no teu dia a dia”.

[...] eu quero ser bissexual, mas eu também quero ter um Deus, a qual eu oro, a qual eu sinto, a qual a presença dele se torna real em minha vida, [...] a fé também me ajudou a entender que não era uma pessoa indecisa, porque eu não era uma pessoa indecisa, porque quando eu entendi que eu era bissexual, eu consegui, permaneci sendo quem eu era na real, [...] então eu descobri que não era indecisão, era algo a mais e que habitava em mim, e foi através da fé né?, foi através de cultos, que querendo ou não, a igreja disponibiliza, de acreditar em quem você é né?(Juliana).

[...] é uma coisa que a gente não pode viver sem ela essa questão da fé, [...] eu sempre tive esse meu lado religioso e eu acho isso muito importante, [...] o homossexual ele é um cidadão, ele é um cristão normal, como qualquer outro, então ele sem a fé fica mais complicada até mesmo de saber como enfrentar a sociedade né? [...] qualquer cidadão que seja, seja ele homossexual, seja hetero, seja bi, seja ele qual for, mas acho que é fé ela é o alicerce para tudo [...] (Sandro).

Eu tenho uma conexão muito forte com a Igreja Católica, com minha fé na verdade, em relação a igreja católica, eu não sei como explicar tem porque eu tenho essa conexão [...] em relação a minha fé, eu simplesmente, olha eu rezo e peço para Deus tenho fé e eu acredito nele, se eu quero ir na igreja católica eu chego na igreja católica, deposito minha fé, [...] eu fico mais protegido no caso né?, porque eu fosse dá mais atenção para as pessoas, o que é que elas acham, por eu ser homem trans e tá ali na igreja eu acho que eu não iria ter muita fé, Sabe? [...] (Henry).

Eu sempre digo que a fé, a religião é algo que nasce dentro da gente, ninguém coloca, [...] a verdadeira religião é aquela que faz feliz, então eu me sinto feliz, me sinto bem, me sinto realizado na religião católica né? Então assim é algo que me faz bem, me faz bem eu me sinto totalmente realizado nesse sentido. [...] Então assim, a fé é isso, a fé brota, nasce de dentro de você, então você se identifica, e é isso, tenho também aquela mentalidade de que a fé, a religião também é algo que a gente acredita, que está dentro de nós, assim também como Deus, Deus é alguém que eu acredito, [...] me sinto bem em acreditar e ter esse Deus, sem acreditar eu não sou nada né?, [...] é algo que me fortalece que eu encontro refúgio, que eu encontro paz, algo que eu acredito (Josivan).

Ao nos depararmos com as narrativas de Juliana, Sandro, Henry e Josivan podemos entender que esse contato com a fé realmente fortalece, concede forças e em certo modo bem estar. A respeito da vivência religiosa ser um fator protetivo para pessoas LGBTs, é importante pontuar que:

[...] altos índices de bem-estar espiritual, ou seja, o estabelecimento de uma relação positiva com espiritualidade, sentido da vida e transcendência [...] funcionam como fator de ajustamento, contribuindo para melhora na aceitação da própria orientação sexual, aumento da autoestima e sentimento de pertencer a uma comunidade. (TAN, 2005 apud ESTRÁZULAS; MORAIS, 2019, p. 06).

Para Melo et.al (2015), a religiosidade/espiritualidade pode ser um ambiente que produz conforto e bem-estar, apoio social. Em seu estudo a autora compreende que a espiritualidade, também aparece como uma forma de o indivíduo dar novos sentidos aos seus obstáculos e reorganizar suas experiências, sendo atrelada às questões existenciais.

[...] minha relação com Deus hoje é muito esclarecida, eu amo Deus, eu preciso Dele eu converso com Ele, [...] eu entendo que hoje, hoje, depois de tanto me martirizar, eu entendo que a minha sexualidade pouco importa né?, é o mínimo, é quase nada, não

interfere em nada no meu caráter, em quem eu sou, no meu coração, [...] eu tenho essa necessidade de conversar com Deus, de rezar, de pedir direcionamento, eu tenho muito isso, assim, uma coisa que eu menos questiono hoje me relação a Deus é minha sexualidade, [...] eu me afastar da igreja não significa que eu deixei de crer em Deus, entender o que Ele significa, de forma alguma, [...] meu sentimento e a minha certeza que Ele existe, nunca mudou, nunca mudou, nossa relação foi só um pouquinho prejudicada pelo meio que estava inserido, que acabou me decepcionando muito sabe (João).

Bem, desde pequeno né? minha família é toda católica [...] como eu gostava de estar ali, de fazer parte da missa, de acompanhar as festas né? Da igreja, a semana santa, a festa do padroeiro, as comemorações que a gente durante os mártires, eu vejo assim é um pilar, é algo que eu posso me agarrar quando não tem mais nada assim pra, não tem mais alguma coisa para eu me segurar, e eu me sustento na fé, não exatamente, não na igreja, mas na fé no meu Deus. Acredito no Deus que a gente prega, mas eu me sustento na fé que eu tenho nele, não na fé da igreja, assim, ah eu não acho que se eu for na igreja vai ser melhor, em casa mesmo eu posso fazer minha oração, eu posso pedir a Deus e espero ser atendido (Nicki)

Eu acho que nem todas às vezes é necessário a gente ir a igreja, então a gente, a nossa fé a gente, se a gente né? Crê, a gente também não precisa tá enfiado dentro da igreja, tipo assim eu não sou o que to frequentando sempre entendeu?, mas a minha fé tá em casa, tá comigo, tá no meu isolamento [...] (Jackson).

A partir dos relatos de João, Nicki e Jackson, podemos fazer uma articulação com o estudo de Estrázulas e Morais (2019). Os autores, num estudo de revisão sobre experiências religiosas de lésbicas, gays e bissexuais, destacam oito estratégias que essas pessoas recorrem e constroem para lidar com a questão da fé e da orientação sexual, uma dessas estratégias que nos parece convergir com as algumas das vivências de pessoas LGBTs cristãs de Petrolândia é a de realizar práticas espirituais individuais como: oração, meditação e leitura de material religioso, assim, fazendo uma jornada pessoal, desligada de uma vivência grupal como em uma igreja.

4.2 Epístola II: Participações nas comunidades e suas nuances: intensas, seletivas, condicionadas e interrompidas

Os relatos aqui apresentados pluralizam a participação religiosa em gradações e formatos diferentes. O que nos é apresentado nesta epístola basicamente, é que não existe uma homogeneidade sobre como LGBTs em Petrolândia, transitam, afetam e se afetam nas igrejas cristãs.

Assim, como pessoa pública, não só da minha área profissional [...] mas assim eu [...] toco e sempre toquei, [...] então eu vivencio também na comunidade [...], Então eu estou presente assim sempre nas comemorações mesmo de Santos, que a gente vai, [...] minha presença é importante ali [...] (Gabriele).

Então eu tenho uma vivência muito boa desde 2004, que eu participo dos movimentos sociais da igreja católica, [...] pra mim a fé ela tem que ser colocada em prática. [...] eu sempre fui uma igreja em movimento nesse sentido, uma igreja social, [...] É essa a minha trajetória desde 2004 nas pastorais. [...] sou sim um católico praticante neste sentido (Josivan).

Primeiramente temos relatos que narram experiências de diferentes intensidades de participação na igreja, com liberdade e até autonomia, inclusive como posição de influência na comunidade. É uma nuance que não é comum nos estudos feitos até aqui, e se destaca ainda mais por ser em um contexto de cidade interiorana no Sertão Pernambucano. Estrázulas e Morais (2019) afirmam que muitas pessoas LGBTs, que participaram de outros estudos, acreditam, por exemplo, que a homossexualidade é pecado e que religião e homossexualidade são universos praticamente impossíveis de se conciliar.

Hoje, a minha participação dentro da minha comunidade católica, da igreja, tem se resumido, hoje, ao EJC aqui (cidade atual que o participante reside), [...] quando eu ia pra Petrolândia, eu ainda ia aos domingos, vez ou outra com minha mãe pra missa, mas hoje isso não está mais acontecendo [...] depois desse meu afastamento eu não tenho frequentado mais os grupos, a missa, as pessoas que eu era amigo também acabei me afastando de todos [...] cortaram-se os laços [...] (João).

Fui coroinha, tudo que tinha na igreja, quando era mais nova, eu participava, fiz catecismo, fiz crisma, [...] toda coisa de igreja, que chegava, isso no tempo que eu trabalhava (em determinado setor na cidade), sempre chegava alguma coisa de igreja pra fazer, mas até hoje se alguém me chamar, alguém de igreja, precisando de ajuda ... para fazer isso. Então não ligo não, eu vou. Uma coisa é participar, de fazer uma coisa né? dentro da igreja, essas coisas eu vou numa boa (Daphine).

[...] vou pra missa, mas não é sempre, o que eu faço sempre é frequentar a igreja ela estando vazia, eu rezo muito, eu gosto de passar na igreja ela vazia entendeu? ou ir pra missa, agora outros tipos de atividades eu não frequento, só missa ou quando ela tá vazia (Henry).

Os relatos acima nos apresentam seletividades quanto à participação na igreja, pois João exerce uma seletividade quando está em Petrolândia, ao não participar da igreja como antes, diferentemente de como faz em outra cidade que reside atualmente. Já Daphine, não participa mais como antes, mas não vê dificuldade de, se a igreja precisar dela, ajudar a comunidade de algum modo, enquanto que Henry seleciona a forma como participa da comunidade.

[...] eu não iria ser aceita, então eu teria que tirar essa indecisão como eles chama né?, de ser bissexual, pra garantir esses cargos, e aí eu passei um tempo de banco, como eles chamam, e acabei não mais me envolvendo com mulheres né?, [...] e ai eles: ‘eita agora a gente vai poder te usar, contar com você’ [...], ai a igreja disse: ‘pronto se você permanecer nesse ritmo, você está apta a fazer o que você quiser fazer aqui dentro’, [...] Então, hoje né? eu sou um pouco mais aceita porque sou bissexual e atualmente estou me relacionando com um homem [...] (Juliana).

De acordo com Juliana ela só passou a ser útil e a igreja só pôde pensar em contar com ela, a considerá-la apta, quando ela passou a se relacionar com um homem da igreja. É como se para a instituição ela tivesse aceitado e estivesse de acordo com tal condição abertamente apresentada.

Existe de fato, a partir de estudos já feitos, a expectativa de que pessoas homossexuais ou

bissexuais como Juliana, sejam acolhidas por igrejas cristãs a partir do momento que se engajem e modifiquem o seu “comportamento sexual”, que é contrário às normas da instituição, conforme Estrázulas e Morais (2019). Como afirma Natividade (2006, p. 120) para as igrejas cristãs “as sexualidades não-heterossexuais são, portanto, contrárias à Palavra e, nesse sentido, uma “anormalidade”, “aberração” e comportamento que “irrita a Deus”. Assim, eliminar ou amortecer desejos homossexuais é um ideal esperado e exigido como possibilidade de concordância com o que Deus destinou a humanidade.

[...] Hoje nem para varrer o chão me chamam mais, [...] e hoje em dia nem mesmo nem a missa em si eu não estou indo, ficou meio complicado com o tempo. Sinto bastante falta de poder estar ali, [...] até perguntam por que eu não fui pra missa, mas [...] pro grupo em si eles não perguntam, porque eles já sabem os motivos que vieram acarretar a saída (Nicki).

[...] hoje eu não estou mais frequentando a igreja católica [...] e depois que eu comecei a viver outras experiências, eu percebi que não era dali, [...], acredito em Deus fielmente, não sou ateia, acredito que há esse ser que nos rege, que nos protege, e que é amor, e dentro da igreja católica eu não percebia isso [...] (Ana).

Aqui temos vivências religiosas que entendemos como interrompidas. Conforme Natividade (2006), práticas homossexuais, por exemplo, contrariam uma determinação divina com relação aos gêneros e a sexualidade. A religião cristã católica, “considera a possibilidade de a homossexualidade constituir uma expressão da natureza de alguns indivíduos, apesar da afirmação – em um plano ideal – da necessidade de contenção pelo celibato e cultivo do amor de Deus” (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2004 apud NATIVIDADE, 2006, p.118).

4.3 Epístola III: Culpa, patologia e demonização: Expressões de LGBTfobia religiosa

Nesta categoria, apresentam-se narrativas que caracterizam a LGBTfobia vivenciada pelos/as participantes nos contextos das igrejas de diversos modos, desde exercendo uma associação ao pecado; olhando para as diversidades numa perspectiva patológica; ou até relacionando tais identidades a possessão demoníaca.

[...] me afetou bastante quando ela falou que era um pecado, que dois homens não podiam se relacionar. Então eu não vou ter perdão vou estar condenado ao inferno [...] só os héteros sejam os santos, [...] e que a gente seja a praga no mundo [...] a gente não é ser humano como eles não, parece. [...] eu não acho que é pecado a gente querer ser feliz né? [...] (Jackson).

[...] com a mudança da gestão do pároco foi que novamente retornou aquela coisa de, voltar a esse ponto da sexualidade como fator de como se fosse um fator seletivo pra tá ou não participando ali dentro [...] eu tava conhecendo um menino e acabei beijando ele na rua, [...] e no outro dia já havia sido comunicado ao grupo inteiro, me chamaram

pra reunião disseram que eu ia ficar de suspensão, foram dizer que tinham visto eu beijando o menino e aquilo era errado, que eu tava com a camisa do grupo, que as pessoas iam falar mal da gente, a gente ia ficar manchado a igreja [...] eu fiquei muito triste [...] (Nicki).

[...] todos os padres que passou, [...] eu sempre me dei bem com todos eles [...] tinha alguns momentos que algumas pessoas deixavam de participar, homens: ‘vou nada, porque quem tá liderando é Sandro, e essa parte de homossexual, não deveria tá dentro da igreja, isso daí não é bíblico, isso aí vai contra a Bíblia, então a gente não tem pra que a gente tá junto de uma pessoa que prega e faz o contrario’, esse tipo de coisa sempre enfrentei [...] (Sandro).

Jackson, Nicki e Sandro relatam situações nas quais sua orientação sexual foi associada a uma condição de pecado e de erro. Isso dialoga com a citação do livro de Levítico como um texto bíblico recorrente e que instrui que o ato sexual entre pessoas do mesmo sexo constitui uma abominação, visto que Deus reprova o “varão que se deita com outro varão”, “como se fosse mulher”. “De acordo com esta interpretação da ‘Lei de Deus’, relações sexuais consideradas legítimas e não-condenáveis só poderiam se dar entre pessoas de sexos opostos” (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009, p. 139).

[...] para eles, eu acho assim: ‘ah! continua para ver se você muda’, para ver se eu mudava o meu pensamento, eu acho que na cabeça deles: ‘ah! deve ser coisa da cabeça dela’, ‘mas não é isso, fique na igreja, vamos continuar orando’, só que eu já sabia o que realmente eu queria. Não quero estar aqui, eu prefiro só frequentar, ‘mas não, continua’ já chegou para mim falou assim: ‘isso pode ser coisa da sua cabeça’. (Raíssa).

Outra maneira de expressão de LGBTfobia é a ótica patológica e psicologizante direcionada as diversidades, o que aparece na narrativa de Raíssa. A Psicologia brasileira há mais de duas décadas, vem publicamente se comprometendo com as diversidades, refutando a ideia de reparação e cura das homossexualidades, bissexualidades e diferentes identidades de gênero. É importante pontuar que profissionais da psicologia que carregam tais condutas em suas práticas, reproduzindo tais violências, podem inclusive serem denunciados e sofrerem s punições devidas por violarem o código de ética e as resoluções do Conselho Federal de Psicologia que tratam de tais temáticas (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 1999, 2018, 2022; TRINDADE, 2019).

No contexto sertanejo, o aspecto da religiosidade ajuda a compor a LGBTfobia no sertão, conforme, Silva, Castro e Siqueira (2021). O conceito sobre poder pastoral de Foucault (1999) nos auxilia a compreender essa dinâmica, que opera garantindo a salvação, produzindo e ensinando moral e “verdades”, bem como a partir do controle dos corpos por meio do confessar. Para Albuquerque Júnior (2012), é a utilização de tecnologias de poder no intuito de controlar politicamente as pessoas.

Ribeiro e Scorsolini-Comin (2017) pontuam que crenças contrárias às diversidades podem ser encontradas, desde assumindo que a homossexualidade é uma “doença” e pode ser curada ou revertida, além de que os desejos devem ser controlados, posições essas que divergem dos avanços no âmbito jurídico e da saúde.

Estudos acerca das terapias de reversão sexual apontam que os motivos que levam pessoas LGBTs a tais alternativas, geralmente são fundamentalismo religioso, as posturas de familiares, e o autoidentificar como pessoas adeptas de alguma espiritualidade. Além disso, tais pesquisas apontam que “tratamentos” como esse são encarados como ineficientes e até prejudiciais por pessoas que se submeteram aos mesmos (ESTRÁZULAS; MORAIS, 2019).

Um dia uma moça da igreja [...] marcou um encontro comigo na praça da igreja, [...] quando a gente chegou lá ela perguntou se eu não tinha algo que tava acontecendo comigo que eu queria compartilhar, porque Deus tinha pedido pra ela conversar comigo, [...] ela foi me instigando, até que eu soltei que eu me atraía por homens e ela disse que a missão dela ali naquele dia era tirar isso de mim, era fazer com que esse sentimento saísse, deixasse de existir, porque não era certo, porque Deus não queria isso de mim [...] e aí lembro que ela tentou, ficou tentando me convencer de várias formas [...] (João).

O relato de João expõe outra maneira em que a LGBTfobia acaba sendo promovida no contexto religioso, a de atribuir às diversidades que divergem da heteronorma uma correlação demoníaca ou de algum mal espiritual que precisa ser expulso. Percebe-se assim, outra tendência religiosa cristã, a de demonizar as diversidades (MESQUITA; PERUCCHI, 2016).

4.4 Epístola IV: Doutrinas e a produção de permanências, desistências e resistências.

A partir desta última categoria, são expostas, a partir dos relatos, diferentes vivências produzidas a partir das normativas cristãs, ou seja, das doutrinas religiosas que se ocupam das diversidades. É possível perceber como os/as participantes subjetivam de diferentes modos os processos experienciados nas comunidades a partir das regras e doutrinas difundidas sobre suas identidades e subjetividades.

[...] Eu acho que hoje a igreja se abriu mais, ela aceita mais [...] não melhorou cem por cento, mas já deu uma grande melhorada de aceitação (Sandro).
[...] eu conheço os dogmas [...] pra gente ver um resultado leva um pouco de tempo
[...] O Papa Francisco traz essa esperança pra muitas coisas [...] e aos poucos tá sendo mudado [...] (Josivan).
[...] mais confortável e mais com leveza, diante de um papa que a gente tem, de nosso pastor né? Assim, ser sensível a causa, não condenar, então impactou até na igreja também sabe na doutrina, quando o padre tem certas posturas e fala, [...] a gente vê a doutrina da igreja, mas não acho que a Igreja Católica ela seja tão ferrenha quanto a

perseguir, ou tirar de grupo, [...] eu não vi assim atitude: ‘você vai se afastar do grupo por conta disso, porque a igreja não lhe quer’, eu achei ela muito leve quanto a isso, a católica eu acho (Gabriele).

É possível compreender como permanências, a postura de continuar nas igrejas, como nos apresentam Sandro, Josivan e Gabriele ao relatarem o sentimento de esperança e flexibilidade da comunidade para reconsiderar as doutrinas, ainda que de forma gradativa. É o processo de repensar a teologia vivida na comunidade de fé e ter uma percepção mais seletiva. Essa também tem sido uma estratégia adotada por pessoas LGBTQs para continuarem em suas igrejas (ESTRÁZULAS; MORAIS, 2019).

[...] quando começava nesse tal assunto eu saía, porque sempre diziam: ‘Ah! isso não é de Deus, Deus fez homem para mulher e mulher para o homem e tal’, eu não gostava muito de ouvir eles falando sobre isso [...] e estar ali dentro e tá lendo sabendo que o que eu estava vivenciando estava sendo errado. [...] foi momentos que eu me entristecia comigo mesmo, o medo de fazer outras pessoas ficarem decepcionadas (Raíssa).

[...] eu ficava mal quando ouvia os comentários, [...] quando vinham me perguntar alguma coisa eu dizia: é só Mentira, se estão xingando a gente numa Bíblia, é mentira [...] daí que eu mesmo decidi me afastar mais. [...] eu tava na igreja e teve um evento com o pessoal do coral e eu era coroinha nesse tempo, e não me chamaram. Eu descobri por bocas né?, mas eu fui, ninguém falava comigo e se falava só o necessário, [...] não me incluíram, eu tava lá mas era a mesma coisa que eu não tá, foi daí que me afastei. [...] fui deixando aos poucos [...] (Daphine).

Raíssa e Daphine adotam uma postura que vamos denominar de desistência, seja desistindo de permanecer vinculadas a determinadas igrejas, ou abandono de algum ambiente ou situação proporcionada pela comunidade. O que parece dialogar com a estratégia de escolher por uma das identidades, a religiosa ou a LGBTQ, nos realtos acima é a opção por abandonar a comunidade religiosa e preservar a orientação sexual ou a identidade de gênero que se reconhece, conforme Estrázulas e Morais (2019). Tais posturas também podem conversar com os conceitos teorizados por Bader Sawaia, como a dialética inclusão/exclusão, como também a inclusão perversa, um dispositivo que visa alguma “inclusão”, mas que na verdade é uma estratégia para excluir de maneira sutil (SAWAIA, 2001).

[...] eu acho que toda forma é válida, porque se você gosta de uma pessoa [...] por que é errado? [...] por que Ele não iria me amar só porque eu gostar de uma pessoa do mesmo sexo que eu? [...] (Jackson).

[...] eu comecei a me questionar ... quando eu percebi que a igreja tinha uma certa indelicadeza em tratar comigo [...] nunca fui rude, rebelde, mas sempre fui muito de perguntar: ‘mas por que disso? e isso aqui? e por que aquilo? e isso aqui quem foi que decidiu? isso aqui é bíblico? isso aqui é do homem? isso aqui é uma ordem da igreja?, isso aqui é uma ordem de Deus?, isso aqui é uma ordem pra mulheres? porque disso né?’ [...] (Juliana).

Consideramos resistências o relato que confronta, questiona e problematiza as doutrinas das

igrejas ao mesmo tempo em que continua participando da mesma. Portanto, quando Jackson e Juliana se questionam e fazem questionamentos sobre as doutrinas e da sua comunidade de fé, podemos perceber que estão resistindo.

Estrázulas e Moraes (2019) apontam que existem fiéis LGBTs que aderem à estratégia de ativismo religioso, que seria a atitude de transformar a igreja de dentro para fora, posicionando-se a favor das causas LGBTs e sendo exemplo de liderança nas igrejas, transformando a visão de quem as frequenta acerca da diversidade sexual e de gênero. Ribeiro e Scorsolini-Comin (2017) percebem que, mesmo que no Brasil existam posturas de cerceamento das diversidades pelas religiões, a partir de padronizações e normatizações, não significa necessariamente que os/as participantes de tais comunidades seguirão todas essas normativas ou passarão a adotar tais posturas, ainda que seja uma orientação da religião.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao nos debruçarmos sobre as vivências de pessoas que se reconhecem como LGBTs e cristãs em uma cidade sertaneja como Petrolândia-PE, nos deparamos com experiências que apresentam diferentes experiências com a fé. Nesse sentido, encontramos experiências que trazem envolvimento, acolhimentos, e uma fé que concede forças. Contudo, os mesmos e/ou até alguns relatos também trazem experiências numa perspectiva de fé mais independente da instituição religiosa, uma fé vivida no dia a dia.

Os relatos trazem também uma diversa gradação das participações nas comunidades, desde com muita intensidade, algumas seletividades, e outras até condicionadas; essa última nos chamou atenção, pois revela talvez uma especificidade que não foi encontrada nos estudos feitos até aqui. Trata-se de uma experiência LGBT cristã que se reconhece como tal, e condiciona sua participação a certas circunstâncias que a igreja “propõe” ou “impõe”. Desse modo, nem se desvincula da comunidade de fé, nem tampouco “abandona” a identidade LGBT. Além dessas, temos as participações interrompidas, que os estudos já trazem, mas que talvez seja necessária uma reflexão sobre se são os/as LGBTs que interrompem sua participação ou se sutilmente são “provocados/as” pelas igrejas, pelos/as fiéis ou lideranças a fazerem tais interrupções?

Também foi possível ter contato com processos de inclusão e/ou exclusão e suas nuances que essas pessoas vivem nas igrejas. Foram conhecidas narrativas que escancararam a LGBTfobia religiosa a partir de três formas principais: Caracterizando como pecado e erro as identidades

LGBTs; Uso de discurso patologizante a fim de estigmatizar; além de recorrer a um âmbito mais espiritual, relacionando as orientações e identidades LGBTQs à possessão maligna.

Analisando como as doutrinas e as normas sobre identidades LGBTQs eram vistas pelos/as próprios/as LGBTQs que transitam nas igrejas, algumas das narrativas dialogam com os estudos já realizados, no que tange a como as doutrinas e normativas da religião gerenciam as orientações sexuais e identidades de gênero, produzindo desistências, ou seja, criando um ambiente que facilite o “abandono” da comunidade de fé por parte das pessoas LGBTQs. Porém percebe-se que, além disso, tais normas e preceitos também geram permanências, ou seja, LGBTQs que conhecem essas regras, mas que enxergam com otimismo e esperança de que essas doutrinas estão sendo flexibilizadas com o tempo por algumas igrejas. E ainda, essas doutrinas também vêm produzindo resistências, são percursos de LGBTQs que questionam, problematizam essas normas, estando ativos/as nas comunidades de fé, inclusive em cargos de liderança.

Considerando os pressupostos pensados nesta pesquisa, de que as experiências de LGBTQs em igrejas cristãs convencionais, apesar dos tensionamentos, produzissem nos sujeitos, modos diferentes de se subjetivar, ao serem incluídos de alguma forma em suas comunidades, lhes dando condições de transitar por esses espaços e entre os conflitos. Além de que, os contextos sertanejo e religioso cristão, para LGBTQs, poderiam produzir experiências que conversassem e/ou problematizassem os estudos feitos até então, nos apresentando processos de inclusão e/ou exclusão, só que de formas muito mais multifacetadas e imbricadas, além de potencializadas.

Nessa direção, ambos os pressupostos foram confirmados e ampliados. Pois se pôde confirmar a partir das diferentes experiências dos participantes, que em sua maioria participam das igrejas, e vivenciam abertamente sua fé e suas identidades. Assim, os achados deste estudo nos ajudaram a ampliar as compreensões que temos desses atravessamentos, pois estamos tendo contato com reinvenções bem mais complexas.

Pode-se compreender, a partir das análises, que as experiências de LGBTQs em igrejas cristãs convencionais, apesar dos tensionamentos, produzem modos diferentes de se subjetivar. Foi possível também entender que existem experiências que conversam e/ou problematizam os estudos feitos até então, nos apresentando processos de inclusão e/ou exclusão, só que de formas muito mais multifacetadas e imbricadas. Os achados deste estudo nos ajudaram a ampliar as compreensões que temos desses atravessamentos, pois estamos tendo contato com reinvenções bem mais complexas, pois não é só exclusão ou inclusão, ou necessariamente mais uma em

detrimento da outra, na verdade se apresentam muitas vezes entrelaçadas.

Esta pesquisa buscou contribuir para com a população LGBT petrolandense, sertaneja, nordestina e brasileira, ao se ocupar desses recortes diante da lacuna existente de mais pesquisas com olhar localizado. Contribuindo também para a produção de uma ciência que considere territorialidades, interseccionalidades e a interiorização da pesquisa brasileira. Além disso, este estudo se propõe a convidar as próprias igrejas cristãs a nos lerem, a lerem os corpos e afetos de LGBTs a partir também do que eles/as têm pra contar.

Como limitações da pesquisa, podemos pontuar que por se tratar de uma pesquisa que se ateu a investigar experiências de onze pessoas de um determinado contexto e lugar, não é possível e nem aconselhável termos uma perspectiva generalista a partir dos dados obtidos, apesar dos resultados conversarem bem com os poucos e importantes estudos e pesquisas similares.

No tocante a pesquisas futuras, consideramos relevante ampliar as interseccionalidades que abarcam a comunidade LGBT, para tanto seria interessante pesquisar quais alternativas de práticas religiosas e espiritualidade pessoas LGBTs de cidades interioranas aderem além do Cristianismo; como também, pesquisar as representações sociais ou quais os sentidos que lideranças religiosas cristãs possuem sobre os/as fiéis LGBTs com quem convivem em suas comunidades.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Muniz. A pastoral do silêncio: Michel Foucault e a dialética revelar e silenciar no discurso cristão. **Bagoas**, v. 5, n. 06, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2328>. Acesso em: 10 jul. 2020.

AMATUZZI, Mauro. A experiência religiosa: busca de uma definição. **Estudos de Psicologia**, n.15 (1), p. 49-65, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/qTNZKnDfb5VT8hFStyG9RCJ/?lang=pt>. Acesso em: 21 set. 2020.

ANDRADE, João Guilherme de. Cristianismo, a religião do colonizador, e a LGBTfobia no Brasil. in: IV Seminário Internacional Desfazendo Gênero, **Anais**, Recife, PE, Campina Grande, PB: Editora Realize, 2019. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/64074>. Acesso em: 17 jan. 2021.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia, história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BROSTULIM, Edmar Antonio; CORDEIRO, Luiz Fernando Botelho. As religiões no Brasil e

a população LGBTI+: apontamentos sobre pertencimento e circulação religiosa. In: SOUZA, Humberto da Cunha Alves de. et.al (org.). **Ensaio sobre o perfil da comunidade LGBTI+**. Curitiba: IBSEX. p.189-200, 2020. Disponível em:
http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/redes/valorizacao_diversidade/cartilhas/LIVRO%20-%20%20LIVRES%20E%20IGUAIS%20-PESQUISA%20LGBTI%2B.pdf. Acesso em: 21 fev. 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero - feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução CFP nº 1, de 22 de março de 1999**, Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual. Brasília: CFP, mar. 1999. Disponível em: <https://atosoficiais.com.br/lei/normas-de-atua%C3%A7%C3%A3o-para-os-psicologos-em-relacao-a-questao-da-orienta%C3%A7%C3%A3o-sexual-cfp?origin=instituicao>. Acesso em: 02 de jun. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução CFP nº 1, de 29 de janeiro de 2018**, Estabelece normas de atuação para as psicólogas e os psicólogos em relação às pessoas transexuais e travestis Brasília: CFP, jan. 2018. Disponível em:
<https://atosoficiais.com.br/lei/normas-de-atuacao-para-as-psicologas-e-os-psicologos-em-relacao-as-pessoas-transexuais-e-travestis-cfp?origin=instituicao>. Acesso em: 03 de jun. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **CFP publica resolução sobre bissexualidades e demais orientações não-monossexuais**. Brasília: CFP. 2022. Disponível em:
<https://site.cfp.org.br/cfp-publica-resolucao-sobre-bissexualidades-e-demais-orientacoes-nao-monossexuais/>. Acesso em: 02 out. 2022.

ESTRÁZULAS, Mattos Dourado de Mesquita; MORAIS, Normanda Araujo de. A Experiência Religiosa/Espiritual de Lésbicas, Gays e Bissexuais: Uma Revisão Integrativa de Literatura. Brasília: **Psic.: Teor. e Pesq.** v. 35, 2019. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ptp/a/KsGNMCy5v9tkHPwFbmJGSwk/?lang=pt>. Acesso em: 05 jun. 2020.

FERRARI, Anderson; BARBOSA, José Gabriel Couto de Viveiros. Homossexualidades masculinas e cidade pequena. **Bagoas**, n. 11, p. 211-236, 2014. Disponível em:
<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/6550>. Acesso em: 25 nov. 2020.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France. São Paulo: Martins Fontes. 1999.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza, (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes; p. 79-108, 2007.

GOMES, Romeu. **Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa, 2014.

GONTIJO, Fabiano; ERICK, Igor. Diversidade Sexual e de Gênero, Ruralidade, Interioridade e Etnicidade no Brasil: Ausências, Silenciamentos e... Exortações. **Aceno**, Vol. 2, N. 4. p. 24-40, ago. 2015. Disponível em:
<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/3181>. Acesso em: 17 jan. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HÜNING, S. M.; GOMES, C. A. R. A Pesquisa-Experiência na Psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**. v. 39, e225540, p.100-111, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/n8FP4g6gYMyqtnTmChPZvXD/?lang=pt>. Acesso em: 25 mar. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. 2010. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=794>. Acesso em: 10 de set. de 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades: Petrolândia**. 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/petrolandia/historico>. Acesso em: 20 maio. 2021.

LIMA, Luís Corrêa. Homoafetividade e evangelização: abrir caminhos *in*: Homoafetividade e fé cristã. Editora paulus: **Revista Vida Pastoral**, ano 55, nº 297, jul-ago, 2014. Disponível em: <http://www.diversidadese sexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/Vida-Pastoral-jul-ago-2014.pdf>. Acesso em: 15 out. 2020.

LIRA, Kalline. Envelhecimento da população LGBT: desafios no Sertão de Pernambuco. **Bagoas**, n. 18, p. 140-170, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/13579>. Acesso em: 23 dez. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo Educado, Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MELO, Cynthia de Freitas et.al. Correlação entre religiosidade, espiritualidade e qualidade de vida: uma revisão de literatura. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 15, n. 2, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812015000200002. Acesso em: 19 abr. 2021.

MESQUITA, Daniele Trindade; PERUCCHI, Juliana. Não apenas em nome de Deus: discursos religiosos sobre homossexualidade. **Revista Psicologia e Sociedade**, n.28, p.105-114, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/kkcQJggKT3GTTWpLggHDXSb/?lang=pt>. Acesso em: 12 ago. 2020.

MICHAELIS. **Epístola**. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/Ep%C3%ADstola/>. Acesso em: 20 de maio de 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Hermenêutica-Dialética como caminho do pensamento social. In: MINAYO, M.C.S; DESLANDES, S.F. (orgs.). **Caminhos do pensamento: epistemologia e método**. Rio de Janeiro: Fiocruz. p. 83-107, 2002.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Revista Sociedade e Estado**, vol. 32, nº 3,

Set/Dez, 2017. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/se/a/Ns5kmRtMcSXDY78j9L8fMFL/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 09 dez. 2020.

NATIVIDADE, Marcelo. Homossexualidade, gênero e Cura em perspectivas pastorais Evangélicas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 21 n°. 61, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/LQHjv7CsL3dNGrXzDmMBFzv/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 07 nov. 2020.

NATIVIDADE, Marcelo; OLIVEIRA, Leandro de. Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores. **Revista Latinoamericana**, n. 2. p.121-161, 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/32/445>. Acesso em:

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa Qualitativa: tipos, técnicas e características. **Revista travessias**, 4ª Ed., 2008. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3122/2459>. Acesso em: 03 maio 2021.

OLIVEIRA, Esmael Alves de, et.al. Dissidências de gênero e sexualidade(s) em contextos interioranos e/ou rurais: cruzando temas, problemas e perspectivas contemporâneas. Caruaru-PE: **Revista debates insubmissos**, Ano 3, v.3, n° 9, Edição Especial, p.6-11. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/debatesinsubmissos/article/view/247068>. Acesso em: 05 jun. 2021.

OLIVEIRA, José Marcelo Domingos de; MOTT, Luiz. **Mortes violentas de LGBT+ no Brasil – 2019**: Relatório do Grupo Gay da Bahia. 1. ed. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2020.

RIBEIRO, Laura Moraes; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Relações entre religiosidade e homossexualidade em jovens adultos religiosos. **Psicologia & Sociedade**, n.29, 2017. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/psoc/a/DHhdyy85vxNPF7qsSK7Y5my/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 27 jun. 2021.

RODRIGUES, Silvia Geruza Fernandes. Igreja Católica Romana e a Homossexualidade:

Visão da Moral Sexual Católica a partir da análise de documentos Oficiais. Juiz de Fora, MG: **Sacrilegens**, v. 15, n. 1, p. 124-140, jan-jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/27067>. Acesso em: 05 jan. 2021.

SÁEZ, Oscar Calavia. Contra naturam, contra connubium: A sexualidade no cristianismo. Rio de Janeiro: **Revista Religião e sociedade**, vol. 37, n.1. jan-abril, 2017.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rs/a/bRNqsQFZ3KWSHv6Vvd8Whtm/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 08 abr. 2021.

SAWAIA, Bader. **As Artimanhas da Exclusão**: Análise Psicossocial e Ética da Desigualdade Social. Petrópolis: Editora Vozes, 2ª Ed, 2001.

SILVA, Danuzio Weliton Gomes da; CASTRO, Gustavo Henrique Carvalho de; SIQUEIRA, Marcus Vinicius Soares. Discurso LGBTfóbico no ciberespaço do sertão pernambucano:

discriminação e resistência. **Em questão**, v. 27, n. 1, p. 403-429, jan. 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/101386>. Acesso em: 21 set. 2020.

TOTA, Martinho. A via-crúcis de Jonas no Sertão da Paraíba: interseccionalidade, diferença e o Brasil atual. **Cadernos Pagu**, n.62, e216209, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/WyWsT3nTwDHrLbQ6dTYtJgS/abstract/?lang=en>. Acesso em: 13 mar. 2021.

TREVISAN, João Silvério. Devassos no Paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4ª ed, Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

TRINDADE, Samuel Bernardo da. O Discurso da “Cura Gay” nas Igrejas Neopentecostais. **Reflexus**, Ano XIII, n. 22, 2019. Disponível em: <https://revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/view/789>. Acesso em: 14 jun. 2021.

USSEL, Jos Van. **Repressão sexual**. Editora campus, 1980.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. Campinas: **Rev. Temáticas**, Ed. 22, p. 203-220, ago. 2014. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 10 jul. 2020.